

1

Leia o seguinte texto, que trata das diferenças entre fala e escrita:

Talvez ainda mais digno de atenção seja o desaparecimento [na escrita] da mímica e das inflexões ou variações do tom da voz. A sua falta tem de ser suprida por outros recursos.

É, neste sentido, que se torna altamente instrutiva a velha anedota, que nos conta a indignação de um rico fazendeiro ao receber de seu filho um telegrama com a frase singela – “mande-me dinheiro”, que ele lia e relia emprestando-lhe um tom rude e imperativo. O bom homem não era tão néscio quanto a anedota dá a entender: estava no direito de exigir da formulação verbal uma qualidade que lhe fizesse sentir a atitude filial de carinho e respeito e de refugar uma frase que, sem a ajuda de gestos e entoação adequada, soa à leitura espontaneamente como ríspida e seca.

J. Mattoso Câmara Jr., **Manual de expressão oral e escrita.**

Adaptado.

- a) Considerando-se que o verbo da frase do telegrama está no imperativo, se essa mesma frase fosse dita em uma conversa telefônica, haveria possibilidade de o pai entendê-la de modo diferente? Explique.
- b) Reescreva a frase do telegrama, acrescentando-lhe, no máximo, três palavras e a pontuação adequada, de modo a atender a exigência do pai, mencionada no texto.

Resolução

- a) **Sim, pois se é fato que, segundo observa o autor, a frase “soa à leitura espontaneamente como ríspida e seca”, também se entende do texto que a mesma frase poderia, ao telefone ou em contato direto, fazer sentir ao pai, com “a ajuda de gestos e entoação adequada”, a esperada e conveniente “atitude filial de carinho e respeito”.**
- b) ***Papai, mande-me dinheiro por favor. Mande-me dinheiro, papai, quando puder.***

Avalie a redação das seguintes frases:

- I. *O futebol conquistou um papel na sociedade tanto culturalmente como econômico e político.*
 - II. *Os clubes buscam a expansão do número de associados bem como reduzir gastos com publicidade.*
 - III. *Doravante tais fatos, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro.*
 - IV. *O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele tem uma carta na manga do colete.*
- a) Reescreva as frases I e II, corrigindo a falta de paralelismo nelas presente.
 - b) Reescreva as frases III e IV, eliminando a inadequação vocabular que elas apresentam.

Resolução

- a) **I. O futebol conquistou um papel na sociedade, tanto cultural, quanto econômica e politicamente.**
O futebol conquistou na sociedade um papel cultural, econômico e político.
- II. Os clubes buscam a expansão do número de associados bem como a redução dos gastos com publicidade.**
Os clubes buscam expandir o número de associados bem como reduzir os gastos com publicidade.
- b) **III. Diante de tais fatos, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro.**
- IV. O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele tem uma carta na manga (ou no bolso do colete).**

Considere o seguinte texto, para atender ao que se pede:

O orgulho é a consciência (certa ou errada) do nosso próprio mérito; a vaidade, a consciência (certa ou errada) da evidência do nosso próprio mérito para os outros. Um homem pode ser orgulhoso sem ser vaidoso, pode ser ambas as coisas, vaidoso e orgulhoso, pode ser — pois tal é a natureza humana — vaidoso sem ser orgulhoso. É difícil à primeira vista compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso mérito para os outros, sem a consciência do nosso próprio mérito. Se a natureza humana fosse racional, não haveria explicação alguma. Contudo, o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior; a noção de efeito precede, na evolução da mente, a noção de causa interior desse mesmo efeito. O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é. É a vaidade em ação.

Fernando Pessoa, **Da literatura europeia**.

- a) Considerando-a no contexto em que ocorre, explique a frase “o homem vive a princípio uma vida exterior, e mais tarde uma interior”.
- b) Reescreva a frase “O homem prefere ser exaltado por aquilo que não é, a ser tido em menor conta por aquilo que é”, substituindo por sinônimos as expressões sublinhadas.

Resolução

- a) Segundo o raciocínio de Pessoa, o homem tem de início a sua atenção voltada para o exterior, para os outros; por isso, antes de considerar seu mérito em si mesmo, ele atenta para o efeito que tal mérito (real ou falso) tem nos outros, dele se envaidecendo. Apenas posteriormente, “na evolução da mente”, sua consciência se dirige para si mesmo, para a causa daquele efeito, a qual, existindo ou sendo suposta, geraria o orgulho. Daí que a vaidade venha antes do orgulho e que seja possível ser vaidoso sem ser orgulhoso.
- b) O homem prefere ser elogiado por aquilo que não é, a ser menosprezado por aquilo que é.

Entrevistado por Clarice Lispector, para a pergunta “Como você encara o problema da maturidade?”, Tom Jobim deu a seguinte resposta: “Tem um verso do Drummond que diz: ‘A madureza, esta horrível prenda...’ Não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente”.

Nota: O verso citado por Tom Jobim é o início do poema “A ingaia ciência”, de Carlos Drummond de Andrade, e sua versão correta é: “A madureza, essa terrível prenda”.

- a) Aponte dois recursos expressivos empregados pelo poeta na expressão “terrível prenda”.
- b) Reescreva a resposta de Tom Jobim, eliminando as marcas de coloquialidade que ela apresenta e fazendo as alterações necessárias.

Resolução

- a) Na expressão “terrível prenda”, “prenda” é metáfora para “madureza” (maturidade) e o conjunto do sintagma forma um oxímoro ou paradoxo, pois o substantivo *prenda*, que significa “objeto que se dá a alguém como um agrado; mimo, dádiva, presente” (dicionário *Houaiss*), é qualificado por um adjetivo que contraria sua significação positiva.
- b) Há um verso de Drummond que afirma: “A madureza, essa terrível prenda”. Não sei, Clarice: ficamos mais capazes, mas também mais exigentes.

Leia o seguinte texto, para atender ao que se pede:

Conversa de abril

É abril, me perdoareis. Estou completamente cansado. Retorno à aldeia depois de três dias de galope de jipe pelas estradas confusas de caminhões e poeira e explosões. Tenho no bolso um caderno de notas. Quereis que vos descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera? Deixai-me estirar o corpo na cama; depois tiro as botas. Ouvi-me. As montanhas, já vos descreverei as montanhas.

Rubem Braga*

*Rubem Braga foi correspondente de guerra junto à FEB, Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial. O fragmento acima pertence a uma de suas crônicas desse período.

a) Reescreva o seguinte trecho, dando-lhe características narrativas e empregando a terceira pessoa do plural, em lugar da segunda:

“Tenho no bolso um caderno de notas. Quereis que vos descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera?”

b) Tendo em vista as informações contidas no excerto, o início do texto – “É abril” – é coerente com o emprego do pronome este, em “neste tempo de primavera”? Explique.

Resolução

a) **O trecho apresentado, quando transformado em narração e tendo os trechos em segunda pessoa do plural alterados para a terceira do plural, fica da seguinte forma:**

“Tenho no bolso um caderno de notas. Por causa dele pergunto:

– Querem que lhes descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera?”

b) **Para que o leitor perceba a coerência entre “É abril” e “neste tempo de primavera”, é necessário que utilize seu conhecimento de mundo e infira que se trata de uma referência à realidade do Hemisfério Norte.**

Leia o seguinte trecho de uma reportagem, para em seguida atender ao que se pede:

*Cantoria de sabiá-laranjeira na
madrugada divide ouvidos paulistanos*

Diz uma antiga lenda indígena que, durante as madrugadas, no início da primavera, quando uma criança ouve o canto de um sabiá-laranjeira, ela é abençoada com amor, felicidade e paz. Isso lá na floresta. Na selva urbana, a história é outra: tem gente se revirando na cama com a sinfonia que chega a durar duas horas seguidas antes mesmo de clarear o dia.

“Morei 35 anos no interior paulista e nunca fui acordada por passarinho algum”, conta uma moradora do Brooklin (zona sul). “Agora, em plena São Paulo barulhenta e caótica, minhas madrugadas têm sido bem diferentes”.

Folha de S. Paulo, 16/09/2013. Adaptado.

- a) Tendo em vista o contexto, é possível concluir, de modo irrefutável, que a citada moradora do Brooklin faz parte dos paulistanos que não apreciam o canto do sabiá-laranjeira? Justifique com base no texto.
- b) Reescreva os trechos do texto que se encontram em discurso direto, empregando o discurso indireto e fazendo as modificações necessárias.

Resolução

- a) **Quando a moradora do Brooklin diz que suas madrugadas têm sido diferentes, ela não deixa claro se estão melhores ou piores. Pode ter havido um decréscimo de qualidade, aceitando-se a hipótese de o seu sono estar sendo interrompido pelo canto do sabiá-laranjeira. Entretanto, é também plausível entender que ela queira dizer que o som dessa ave esteja provocando um acréscimo de qualidade de vida por proporcionar-lhe um momento agradável em meio ao cotidiano barulhento e caótico de São Paulo. Portanto, não se pode inferir de maneira irrefutável que essa mulher se inclua no grupo dos insatisfeitos com relação ao pássaro.**
- b) **Conta uma moradora do Brooklin (zona sul) que morou 35 anos no interior paulista e nunca foi acordada por nenhum passarinho, acrescentando que agora, em plena São Paulo barulhenta e caótica, suas madrugadas têm sido muito diferentes. (PODER-SE-IA, SEGUINDO O PROTOCOLO DA TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO DIRETO EM INDIRETO, TRANSFORMAR *agora* em *naquele momento* E *têm* EM *tinham*, MAS ISSO FALSEARIA AS RELAÇÕES TEMPORAIS DO TEXTO, DADO QUE O VERBO DECLARATIVO, *Conta*, ESTÁ NO PRESENTE.)**

No breve “Prólogo da 3ª edição” das **Memórias póstumas de Brás Cubas**, assinado pelo autor, Machado de Assis, constava o seguinte trecho:

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As Memórias póstumas de Brás Cubas são um romance?” Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as Viagens na minha terra. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”. Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garrett na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode talvez dizer que viajou à roda da vida.

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho.

Machado de Assis

Considerando esse trecho no contexto da obra à qual se incorpora, atenda ao que se pede.

- Identifique um aspecto das **Memórias póstumas de Brás Cubas** capaz de ter suscitado a dúvida expressa por Capistrano de Abreu. Explique resumidamente.
- Em que consistem os “labores de igual escola”, a que se refere o autor, no final do trecho? Explique sucintamente.

Resolução

- O conceito tradicional de romance – ao qual Capistrano de Abreu parece ter-se apegado – é o de um texto em prosa no qual se narram fatos que giram em torno de uma aventura. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, entretanto, livro que se caracteriza por um estilo extremamente digressivo, desvia-se desse padrão. Além disso, a autobiografia de Brás Cubas resulta no relato de uma vida vazia, sem acontecimentos suficientemente interessantes para uma narrativa convencional.
- Machado de Assis chama “labores de igual escola” as técnicas narrativas que também se encontram em Laurence Sterne, Xavier de Maistre e Almeida Garrett, sobretudo o estilo digressivo, em que não há compromisso com a linearidade narrativa, e o diálogo com o leitor, no qual o emissor assume um tom irônico, zombeteiro, às vezes inferiorizando o seu receptor.

Considere o excerto abaixo, no qual o narrador de **A cidade e as serras**, de Eça de Queirós, contempla a cidade de Paris.

(...) E por aquela doce tarde de maio eu saí para tomar no terraço um café cor de chapéu-coco, que sabia a fava.

Com o charuto aceso contemplei o Boulevard, àquela hora em toda a pressa e estridor da sua grossa sociabilidade. A densa torrente dos ônibus, calhambeques, carroças, parelhas de luxo, rolava vivamente, com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas, numa pressa inquieta. Aquele movimento indesejado e rude depressa entonteceu este espírito, por cinco quietos anos afeito à quietação das serras imutáveis. Tentava então, puerilmente, repousar nalguma forma imóvel, ônibus que parara, fiacre que estacara num brusco escorregar da pileca; mas logo algum dorso apressado se encafuava pela portinhola da tipoia, ou um cacho de figuras escuras trepava sofregamente para o ônibus — e, rápido, recomeçava o rolar retumbante.

- a) No trecho “com toda uma escura humanidade formigando entre patas e rodas”, pode-se reconhecer a marca de qual escola literária? Justifique sucintamente sua resposta.
- b) Tendo em vista que contemplar significa “fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração” (Dicionário Houaiss) ou “olhar, observar, atenta ou embevecidamente” (Dicionário Aurélio), qual é a experiência vivida pelo narrador, no excerto, e que sentido ela tem no contexto da época em que se passa a história narrada no romance?

Resolução

- a) Apesar de *A Cidade e as Serras* ser um romance realista, o trecho dado remete ao Naturalismo, porque apresenta a humanidade degradada à condição animal (“toda uma escura humanidade formigando”). A zoomorfização degradante é característica do Naturalismo, tendência literária que buscou aplicar o cientificismo do final do século XIX à análise da sociedade.
- b) A experiência relatada é de observação atenta, antes espantada que admirativa, do espetáculo inquieto da vida urbana parisiense. Zé Fernandes revela-se perplexo, atônito (“Aquele movimento indesejado e rude depressa entonteceu este espírito”).
A agitação urbana é uma experiência estranha, pois difere da vida anterior de Zé Fernandes, transcorrida nas bucólicas e tranquilas serras lusas.

No contexto do romance, essa experiência vivida pelo narrador revela a oposição entre o mundo urbano, tecnológico, em que o homem se degrada, e o mundo rural, próximo das fontes da vida e propício ao desenvolvimento harmonioso e sadio da personalidade.

9

Observe o seguinte trecho de **Til**, de José de Alencar, no qual o narrador caracteriza a personagem Berta:

Contradição viva, seu gênio é o ser e o não ser. Busquem nela a graça da moça e encontrarão o estouvamento do menino; porém mal se apercebiam da ilusão, que já a imagem da mulher despontará em toda sua esplêndida fascinação. A antítese banal do anjo-demônio torna-se realidade nela, em quem se cambiam no sorriso ou no olhar a serenidade celeste com os fulvos lampejos da paixão, à semelhança do firmamento onde ao radiante matiz da aurora sucedem os fulgores sinistros da procela.

- a) Segundo o narrador, Berta é uma “contradição viva”, cujo “gênio é o ser e o não ser”. Como essa característica da personagem se relaciona à principal função que ela desempenha na trama do romance?
- b) Considerando a expressão “anjo-demônio” no contexto cultural da época em que foi escrito o romance, justifica-se o fato de o narrador classificá-la como “antítese banal”? Explique resumidamente.

Resolução

- a) **A principal função da personagem Berta é a de extirpar o mal, o aspecto violento e bestial do ser humano. As personagens violentas e perversas, como João Fera e Brás, entre outras, são redimidas pela ação de Berta. A “contradição viva” e “o ser e o não ser” de Berta evidenciam-se recorrentemente no romance, seja no afeto e na repulsa agressiva por João Fera, seja no amor que tem por Miguel, que a ama, e nos esforços que ela faz para que o amado namore Linda, para assim fazer a amiga feliz e elevar a condição social do irmão de criação, Miguel.**
- b) **Justifica-se a classificação “antítese banal” para o oxímoro “anjo-demônio”, porque no contexto do Romantismo, escola literária a que pertence *Til*, existem muitas personagens que apresentam caráter dual, contraditório, como as que aparecem em *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas; *Lucíola* e *O Demônio Familiar*, de José de Alencar, entre outras.**

No poema “Sentimento do mundo”, que abre o livro homônimo de Carlos Drummond de Andrade, dizem os versos iniciais:

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,*

Considerando esses versos no contexto da obra a que pertencem, responda ao que se pede.

- a) Que desejo do poeta fica pressuposto no verso “Tenho apenas duas mãos”?
- b) No poema de abertura do primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade – **Alguma poesia** (1930) – apareciam os conhecidos versos

*Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.*

Quando, anos depois, o poeta afirma ter “o sentimento do mundo”, ele ratifica ou altera o ponto de vista que expressara nos citados versos de seu livro de estreia? Explique sucintamente.

Resolução

- a) O advérbio *apenas* sugere a precariedade do eu lírico, seus recursos limitados para agir de forma consequente a seu “sentimento do mundo”. Portanto, o verso pressupõe o desejo de enfrentar os males do mundo com mais do que os pobres recursos individuais, atitude que levará o poeta de *Sentimento do Mundo*, em diversos poemas, a conclamar seus semelhantes à ação coletiva solidária.
- b) O “sentimento do mundo” marca a passagem do poeta de uma perspectiva individualista, egocêntrica, irônica e avessa à expressão emotiva, para uma atitude afetada pelos males do mundo e, portanto, a uma visão coletiva, solidária, eloquentemente emocional. Do ponto de vista estilístico, é de notar que neste livro ele não mais evita artifícios retóricos completamente ausentes de seu primeiro livro.

Leia o seguinte extrato de uma reportagem do jornal inglês **The Guardian**, de 22 de janeiro de 2013, para em seguida atender ao que se pede:

O ministro de finanças do Japão, Taro Aso, disse na segunda-feira (dia 21) que os velhos deveriam “apressar-se a morrer”, para aliviar a pressão que suas despesas médicas exercem sobre o Estado.

“Deus nos livre de uma situação em que você é forçado a viver quando você quer morrer. Eu acordaria me sentindo cada vez pior se soubesse que o tratamento é todo pago pelo governo”, disse ele durante uma reunião do conselho nacional a respeito das reformas na seguridade social. “O problema não será resolvido, a menos que você permita que eles se apressem a morrer”.

Os comentários de Aso são suscetíveis de causar ofensa no Japão, onde quase um quarto da população de 128 milhões tem mais de 60 anos. A proporção deve atingir 40% nos próximos 50 anos.

Aso, de 72 anos de idade, que tem funções de vice-primeiro-ministro, disse que iria recusar os cuidados de fim de vida. “Eu não preciso desse tipo de atendimento”, declarou ele em comentários citados pela imprensa local, acrescentando que havia redigido uma nota instruindo sua família a negar-lhe tratamento médico para prolongar a vida.

Para maior agravo, ele chamou de “pessoas-tubo” os pacientes idosos que já não conseguem se alimentar sozinhos. O ministério da saúde e do bem-estar, acrescentou, está “bem consciente de que custa várias dezenas de milhões de ienes” por mês o tratamento de um único doente em fase final de vida.

Mais tarde, Aso tentou explicar seus comentários. Ele reconheceu que sua linguagem fora “inapropriada” em um fórum público e insistiu que expressara apenas sua preferência pessoal. “Eu disse o que eu, pessoalmente, penso, não o que o sistema de assistência médica a idosos deve ser”, declarou ele a jornalistas.

Não foi a primeira vez que Aso, um dos mais ricos políticos do Japão, questionou o dever do Estado para com sua grande população idosa. Anteriormente, em um encontro de economistas, ele já dissera: “Por que eu deveria pagar por pessoas que apenas comem e bebem e não fazem nenhum esforço? Eu faço caminhadas todos os dias, além de muitas outras coisas, e estou pagando mais impostos”.

theguardian.com, Tuesday, 22 January 2013. Traduzido e adaptado.

Considere as opiniões atribuídas ao referido político japonês, tendo em conta que elas possuem implicações éticas, culturais, sociais e econômicas capazes de suscitar questões de várias ordens: essas opiniões são tão raras ou isoladas quanto podem parecer? O que as motiva? O que elas dizem sobre as sociedades contemporâneas? Opiniões desse teor seriam possíveis no contexto brasileiro? Como as jovens gerações encaram os idosos?

Escolhendo, entre os diversos aspectos do tema, os que você considerar mais relevantes, redija um texto em prosa, no qual você avalie as posições do citado ministro, supondo que esse texto se destine à publicação – seja em um jornal, uma revista ou em um *site* da internet.

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 34 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário à proposta de Redação

Exigiu-se que o candidato redigisse um texto em prosa, destinado à publicação “em um jornal, uma revista ou em um *site* da internet”, sobre as opiniões atribuídas ao ministro de finanças do Japão, que afirmou, no início de 2013, que “os velhos deveriam ‘apressar-se a morrer’”, diminuindo dessa forma as despesas do Estado com os idosos. Caberia levar em conta as implicações “éticas, culturais, sociais e econômicas” decorrentes da opinião do ministro, levando em conta sua viabilidade no contexto brasileiro.

Considerando que o Brasil conta com uma população de 15 milhões de idosos, a maioria dos quais dependendo da Previdência Social, o candidato deveria refletir sobre as dificuldades enfrentadas por esse segmento, não só em países desenvolvidos como o Japão, que de alguma forma estariam mais bem preparados para oferecer assistência a esse contingente, mas sobretudo em países como o Brasil, prestes a enfrentar uma transição demográfica, em que a população economicamente ativa (46,7%) deve diminuir nas próximas décadas. Isso acabaria por onerar o Estado, tanto no que diz respeito ao pagamento da aposentadoria quanto no que se refere à assistência médica adequada às necessidades da terceira idade.

Seria apropriado reconhecer, ainda no caso do Brasil, o culto à juventude demonstrado por uma sociedade que se recusa a envelhecer, provavelmente pelo receio da rejeição que acompanha pessoas que, uma vez deixando de produzir, passam a ser consideradas tanto pela família quanto pelo Estado como um estorvo, algo que soa contraditório quando se consideram os avanços da medicina, que vem assegurando longevidade cada vez maior. Assim, caberia deduzir que o ponto de vista do ministro,

ainda que manifestado de forma brutal e insensível, refletiria um pensamento cada vez mais comum na contemporaneidade. Isso se evidenciaria inclusive no tratamento desrespeitoso dispensado aos idosos pelos jovens, os quais, no caso do Brasil, nem sequer atendem aos avisos que sinalizam assentos preferenciais aos idosos nos veículos de transporte coletivo.

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO